

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: O Estado de São Paulo Class.: XGR000008

Data: 29.06.75 Pg.: 42

Índios esclarecem venda de madeira

ELAINE BORGES
Correspondente em
FLORIANÓPOLIS

Uma carta datada de 16 de maio, assinada pelo chefe da 4.ª Delegacia da Funai, com sede em Curitiba, Francisco Neves Brasileiro, deu início à venda das madeiras do posto indígena de Ibirama em Santa Catarina. Um mês depois, ela provocou a prisão dos madeireiros, que até o fim da última semana continuavam detidos na Polícia Federal da capital catarinense.

A carta é confusa. Nela Francisco Neves diz que "não há necessidade que esta delegacia autorize plantio de fumo, mandioca, etc." E mais adiante diz: "o aproveitamento de restos é uma prática natural e portanto de limpeza da área". Para os índios e o chefe do posto de Ibirama, Darwin Francisco Pinheiro, os "restolhos" são madeiras e foi baseada nesta interpretação que eles — com previa autorização por escrito — começaram a negociar diretamente com 18 madeireiros da região que começaram a derrubar, especialmente a canela da reserva.

A derrubada foi rápida: Calcula-se que nesse meio tempo os índios conseguiram ganhar cerca de 500 mil cruzeiros, já gastos — segundo informações — no comércio de Ibirama, distante 50 quilômetros do posto.

A reserva de Ibirama tem, segundo o título definitivo que foi expedido pelo governo de Santa Catarina, a área de ... 141.565.866,08 metros quadrados. A área ainda está em sua maior parte coberta pela floresta sub-tropical, típica da região. Espécies vegetais como a canela, o cedro, a peroba e o sassafrás são comuns. O vale apertado do Itajaí Norte contrasta com as altas serranias, de onde correm vários e pequenos cursos d'água. Desses, se destaca o Plate, responsável pela formação de um vale secundário no interior da reserva.

A população residente na reserva — cerca de 500 índios xokleng, kaingang, guaranis e mestiços — tem suas propriedades localizadas às margens do Itajaí do Norte e do Plate. A distribuição das casas segue o módulo fixado à época da colonização do vale, ou seja, as casas se localizam em lotes coloniais de 25.000 metros quadrados e se distanciam uma das outras entre 200 a 500 metros, aproximadamente.

Não há ainda um levantamento sobre a quantidade de árvores derrubada pelos madeireiros nestes últimos dias. Mas calcula-se que chegaram a atingir 30 por cento da reserva. Com a prisão dos madeireiros e operários que até o fim da semana aguardavam a concessão do habeas corpus (pedido por seus advogados) muitas toras ficaram espalhadas pela reserva. Os caminhões, tratores e moto-serras foram conduzidos até a localidade de José Boiteaux e estão lá, guardadas por soldados do Exército.

Audiência

Sexta-feira um grupo de 43

índios, entre homens, mulheres e crianças, dos grupos kaingang e xokleng, foram recebidos "em audiência", pelo governador Konder Reis. Eles saíram às cinco horas da manhã do posto Duque de Caxias, distante 50 quilômetros de Ibirama, alugaram um ônibus — que custou 60 cruzeiros a cada um deles — e vieram para Florianópolis. Por intermédio do deputado Waldomiro Colauti, conseguiram ser recebidos pelo governador. E os argumentos foram incisivos: "Nós nunca tivemos chance. Agora estamos tendo e acontece isso. Acharmos muito feio a polícia entrar lá, de metralhadora".

O memorial entregue ao governador — já enviado também ao presidente da Funai — conta a invasão com detalhes. "Quando estávamos trabalhando, chegou de surpresa em nossa reserva uma caravana de soldados do Exército, armados com arma de guerra, levando alguns aos maltratos, como se fôssemos bandidos ou ladrões. Gostariamos que V. Excia. nos explicasse o assunto, pois o professor Olímpio, antropólogo da Funai, nos explicou algumas coisas mas achamos sem fundamento os fatos. A força armada nos surpreendeu dentro de nossa terra, explicou o professor Olímpio, porque está havendo roubo de madeira na nossa área por parte dos madeireiros. E esses madeireiros vinham derrubando as árvores e retirando da área, dia e noite, sem parar, e nós os índios estávamos olhando de longe sem perceber o roubo que estava sendo feito dentro da reserva. Isto nos rebaixou, pois ele nos considerou índios que não defendem o que é seu".

Mais adiante, eles contam como e porque foi dada a autorização aos madeireiros: "Havíamos elaborado um plano de trabalho de agricultura, para plantar milho, feijão, arroz, mandioca e outras plantas, mas como não temos recursos suficientes para custear a nossa lavoura, o nosso capitão Voje Pate dirigiu-se à 4.ª Delegacia da Funai, em Curitiba, a fim de pedir orientação ao delegado". A autorização para a venda da madeira foi concedida. Por ela eles recebiam de 150 a 280 cruzeiros, dependendo da espécie. Aí vieram os soldados.

"Já fazem aproximadamente 61 anos que nossos pais e avós saíram da selva — afirma o memorial, em outro trecho — Quantas árvores foram derrubadas por eles, sem nenhum proveito, porque não sabiam o valor, eram queimadas ou apodreciam. De que vale sabermos ler e escrever, até mesmo sermos eleitores, se não pudermos desfrutar de uma vida melhor, uma vida em que Deus deu direito a todos e que nos está sendo retirado este direito".

Depois de ler o memorial e a autorização da 4.ª Delegacia da Funai, o governador prometeu esclarecer tudo junto ao órgão, na segunda-feira, fazendo no entanto a ressalva: "Não depende de mim, mas sim da Funai".

Para o antropólogo Sílvio Coelho dos Santos, a área da reserva indígena (que foi criada por decreto governamental em 1926) "representa parte do habitat ao qual os índios estavam habituados a viver e a dominar, visto sua tradição de nomades-caçadores. A reserva é tudo para eles. Ela lhes permi-

te uma projeção para o futuro. E parte da terra que seus avós dominavam e que desejam, os índios mais autênticos e legítimos representantes da comunidade, passar para seus netos. Os xokleng sem terra e sem floresta definharão para sempre".

Quanto à importância da área, em termos ecológicos, ela re-

presenta a única área do vale do Itajaí, passível de ser controlada pelo governo. Flora e fauna podem ali ser resguardadas, utilizando-se inclusive os indígenas como meio para tal preservação.

"Tradicionalmente — diz o antropólogo — os índios são

conservadores da natureza. Isto só muda quando estímulos estranhos orientam os índios para a destruição. Destruição que não beneficia os índios, mas pode beneficiar alguns apressados empresários que pensam somente em resolver, a baixo custo, seus ávidos anseios e lucros".